

# Do Cinema Novo à nova realidade brasileira

Considerado nos outros anos o mais importante festival de cinema no Brasil, tanto política como culturalmente, o VIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro se transformou numa simples mostra de filmes nacionais. A esta constatação chegaram as pessoas mais preocupadas em achar um sentido para o festival e que se reuniram para um bate-papo, domingo à tarde, no Hotel Nacional.

A idéia dos estudantes de Comunicação da Universidade de Brasília, anunciada pela atriz Itala Nandi sábado à noite no cine Karim, era de que, reunidos público, jornalistas e cineastas, se chegasse a este sentido, em forma de documento, proposta ou mesmo uma análise do próprio festival ou do cinema brasileiro.

Mas não o conseguiram totalmente. Dos inúmeros cineastas, fotógrafos, estrelas e técnicos presentes ao festival, apenas os diretores Joaquim Pedro de Andrade (*Guerra Conjugal*), Carlos Augusto Calil (*Simitério de Adão e Eva*) e os fotógrafos Fernando Duarte e José Medeiros estavam presentes. Todos os outros preferiram ir assistir *Laranja Mecânica* e *Deep Throat* (*Garganta Profunda*), numa sessão privê, arranjada à última hora (a acompanhante dos convidados ao festival informou que quando voltou do almoço já não os encontrara. Estavam todos na sessão, da qual não soubera até a hora do almoço).

Apesar do esvaziamento da reunião, considerado proposital pela maioria dos presentes (que sem maiores problemas a rotularam de um boicote oficial) muitos pontos importantes foram levantados.

Partindo de uma análise do próprio festival, chegou-se à conclusão de que muita coisa tinha mudado no cinema nacional. A primeira delas foi exatamente a falta de um documento, uma proposta do cineasta, que daria sentido ao festival. Daí a conclusão de que o que se passava nada mais era do que um programa de filmes nacionais, sem maiores objetivos que não a premiação e a badalação que sempre acontecem.

Rogério Costa Rodrigues, professor da UnB, afirmou que ninguém em Brasília, que não a própria Fundação Cultural, fora consultado a propósito da organização da mostra, chegando-se à conclusão de que toda a elaboração do programa fora feita de forma a não incomodar os setores oficiais promotores do festival, vez que "seria uma contradição se o fizessem de forma contrária".

Constatou-se que o cinema

nacional mudou muito. Já muito pouco resta dos ideais do Cinema Novo. Hoje os cineastas já não procuram fazer o cinema crítico social, o cinema intelectualizado, que não tinha recepção popular. E quem o afirma é Joaquim Pedro de Andrade. Para ele o cinema moderno no Brasil se consola com a função de veículo de informações, mais um reflexo da sociedade brasileira que propriamente um reformador social.

Mas temos a certeza de que todos eles exercem a sua funçãozinha, na medida que trabalham a cultura brasileira, e que informam sobre a realidade social. Hoje já não se radicaliza mais nestas preocupações ideológicas, ou em qualquer posição adotada, porque a gente se torna incompetente contra a idéia que leva à ação. O que pode ser entendido como uma disposição de convivência com a realidade política atual e mais proximamente com a censura e as necessidades de mercado.

Lembra Joaquim Pedro a contradição em que vivia o Cinema Novo, divergindo das expectativas daquele que financiava a indústria cinematográfica - o poder público - e dos que consumiam o seu produto, a massa de espectadores, nem sempre preocupada com os rasgos de criatividade que muitas vezes não conseguem entender. Uma tese semelhante foi levantada por um dos presentes: o cinema brasileiro, ao contrário do estrangeiro, não ensinava nada ao público, que ia ao cinema tentar aprender alguma coisa. Ele era mais uma exibição de cultura, que o público não podia entender. Não tinha as histórias bem tramadas, interessantes e compreensíveis a qualquer nível de raciocínio. Hoje, faz-se isto, com grande méritos, a julgar por *A Rainha Diaba*, *Guerra Conjugal* e *Amuleto de Ogum*.

Descobriu-se também que tão prejudicial quanto a censura é a atitude do exibidor brasileiro que prefere comprar o filme americano que dê pouca renda a um brasileiro campeão de bilheteria. Isto porque para o nacional recolhe 50% da renda, quando o importado fica com cinco a dez por cento apenas, ou é comprado por cota fixa.

E as soluções estão a dois níveis: obrigar o exibidor a recolher 50% da renda por filme estrangeiro exibido, equiparando-o ao nacional, e devolver-lhe de 10 a 20% desta renda sob forma de prêmio por exibição de filmes nacionais, ou o aluguel das datas disponíveis pelo decreto de obrigatoriedade de exibição do filme nacional em 112 dias do ano, pela Embrafilme, que se en-

carregaria de reorganizar o mercado nacional de forma a atender o cinema brasileiro, e não ao estrangeiro como tem sido feito. Esta seria a solução de caráter estatizante.

O fundamental desta reunião foi exatamente a dissecação da realidade do cinema brasileiro, a nível do público, se bem que pequeno. Principalmente quando se dá conta de que estamos cercados de toda uma publicidade em favor do consumo estrangeiro. E que o público brasileiro é basicamente desinformado, pois estes assuntos não são debatidos em público.

Daí considerar-se que os organizadores falharam de forma primária em não prever a realização dos debates com o público, não permitindo a informação da realidade ao cinema nacional, o que foi um desserviço. Tudo - segundo a opinião geral - em função de uma preocupação excessiva com a segurança e tranquilidade do festival, à luz do passado.

Do esvaziamento desta reunião, considerada pelos presentes como de suma importância, várias impressões foram registradas. A primeira de que a classe cinematográfica está dividida, e não avalia devidamente a importância de vários fatos: Roberto Farias, conforme afirmou Joaquim Pedro de Andrade, preferiu ir à sessão privê vez que já havia feito "400 bate-papos com estudantes de Comunicação e não faria mais um". Lima Duarte considerou importante ir à sessão, apesar da conotação de boicote que se viu na sua realização, pois era "uma oportunidade única de se ver *A Laranja Mecânica*, já que nunca mais será visto", e se comprometeu ainda mais com o público, por sua participação em *Brasília, Menina-Moça* visto, na melhor das hipóteses, como um desrespeito à sensibilidade popular.

O fato de irem a esta sessão privê repercutiu de forma negativa junto aos presentes à reunião, que viram na atitude uma aceitação e mesmo concordância com o sistema de privilégio que a censura estabelece nas suas sessões também privadas para autoridades selecionadas. E mais radicalmente, viram nisto uma concordância com o sistema de censura prévia.

Diante disto, os presentes chegaram à conclusão de que o melhor do festival não estava no programa: a reunião que realizaram (esquecida tanto por cineastas como por organizadores) e o filme *Amuleto de Ogum*, que não entrou em competição.